

FALSO PERSONAGEM

Simone Daumas

Estou num pequeno auditório, defronte a uma plateia que me olha com grande curiosidade. Fui convidado pela escola de minha filha a fazer uma palestra sobre minha profissão em uma espécie de seminário de orientação vocacional, organizado para ajudar os estudantes secundaristas na sua escolha profissional.

Apresento-me como Diego Rodrigues Falconi, psiquiatra formado pela Unicamp, especializado em distúrbios de personalidade, especialmente os transtornos de personalidade esquizotípica. Explico que esse transtorno produz um comportamento excêntrico, pensamentos mágicos e ideias paranoicas, ou seja, sintomas semelhantes àqueles causados pela esquizofrenia, embora nem sempre seus portadores apresentem essa doença.

Para ilustrar, descrevo o caso de um paciente de pseudônimo Alberto, que venho tratando em meu consultório no Leblon, há três meses. Alberto se apresentou como engenheiro e professor universitário da UFRJ, com doutorado em Harvard, na área de robótica.

Alberto me conta que não consegue mais sair de casa para trabalhar, pois o robô Stalker, fruto de seu doutorado na prestigiosa universidade, criado para proteger deficientes visuais em seus deslocamentos pela cidade, agora o persegue. Toda vez que Alberto sai para ir à padaria ou à farmácia, ele vê o robô na esquina mais próxima, à espreita. Quando não está à sua frente, ele olha para trás e o enxerga ao longe, em seu encalço. Alberto acredita que Stalker está com defeito de programação e, por isso, deseja o impossível: que o engenheiro lhe conceda mais habilidades e a tão sonhada liberdade. Porém, o pesquisador tem muito medo desse confronto com o robô, pois sabe que Stalker tem uma arma secreta e poderosa que pode ser usada contra ele. Alberto comprou um elegante chapéu panamá e passou a andar disfarçado, de chapéu e óculos escuros, mas a visão do robô, sempre por perto, não lhe dá sossego.

Venho tratando esse paciente com fármacos de última geração e um tanto de psicoterapia, mas até agora tenho obtido resultados modestos. Isso me desafia a estudar mais e a participar de congressos no Brasil e no exterior para me manter

atualizado com os rápidos avanços no tratamento de doenças psiquiátricas, que tanto prejudicam a qualidade de vida dos pacientes.

Em minha profissão, prossigo, muitas vezes nos deparamos com casos tão interessantes quanto esse. É gratificante quando percebemos uma melhora significativa no bem-estar dos pacientes, mas também temos que lidar com a frustração de nem sempre conseguir bons resultados, inclusive porque os pacientes às vezes abandonam precocemente o tratamento ou não tomam regularmente os remédios prescritos.

Então percebo que um estudante meneia a cabeça e faz um muxoxo enquanto rola o dedo pela tela do celular. Fui devidamente flagrado, penso. Em seguida, indago ao estudante o que há de tão interessante no seu celular. Ele fica sem graça e não responde. Eu mesmo explico que ele deve ter descoberto que eu não sou Diego Rodrigues Falconi, pois a imagem do renomado psiquiatra, disponível na internet, não coincide com a minha pessoa. Confesso que, na realidade, me chamo Eduardo, sou jornalista e atualmente trabalho na redação do jornal *O Globo*, especialmente em artigos sobre novidades em ciência e tecnologia. Daí advém minha familiaridade com esses assuntos. Menti propositalmente, pois minha intenção era mostrar que um jornalista não deve acreditar em qualquer história que se conta, deve sempre investigar e checar as informações, para confirmar os fatos que vai narrar. O trabalho do bom jornalista é o melhor antídoto contra as *fake news*, tão em voga hoje em dia, que se espalham como uma epidemia, adoecendo toda a sociedade.

A reação da turma é de surpresa e interesse. Mais à vontade agora, vários estudantes fazem perguntas sobre o meu trabalho. Explico que, para fazer uma excelente reportagem, é preciso vasculhar a vida alheia, pesquisar fatos históricos e lidar habilmente com a impaciência de entrevistados, que muitas vezes reagem negativamente diante de perguntas incômodas, que necessariamente fazemos. Foi assim que ganhei um Prêmio Esso de Jornalismo alguns anos atrás. Resumindo, digo, é preciso que sejamos apaixonados pela busca da verdade, embora ela seja inalcançável, por não existir de fato. Aí entramos no vasto terreno da filosofia, que não me cabe explorar aqui.

Encaro a plateia em silêncio. Os estudantes entendem que minha palestra acabou e me aplaudem efusivamente. Agradeço, um tanto tímido, afirmando que foi um prazer compartilhar minha experiência profissional com a turma. Peço que

aguardem um instante pois ainda tenho algo a dizer. Viro de costas, abaixo a cabeça atrás da mesa, retiro a peruca e o falso bigode e ajeito o cabelo com as mãos.

Em seguida, levanto-me, ando em direção à plateia e me apresento como o ator Luiz Flávio. Vejo traços de perplexidade em alguns rostos. Explico que resolvi representar personagens para demonstrar a minha verdadeira vocação. Conto que ingressei no curso de Letras da Unirio dez anos atrás, pois sempre fora amante da literatura e, desde criança, gostava de inventar e escrever minhas próprias histórias. Não me tornei escritor, mas trabalhei numa ótima editora, cercado por livros, o que me deu muito prazer durante um bom tempo.

Porém, há alguns anos, depois de participar de oficinas de teatro, resolvi retornar à universidade, para cursar atuação cênica na Escola de Teatro, vizinha da minha querida Escola de Letras. Descobri que sou ainda mais apaixonado pela arte de representar histórias, porque posso multiplicar minha vida e vivenciar múltiplas experiências, às vezes perturbadoras. Tal como pacientes com transtornos de personalidade, experimento o delírio de ser outro, mas sem tirar completamente o pé da realidade, para a qual posso voltar rapidamente. Isso resume minha trajetória, digo.

Dessa vez, sou aplaudido de pé.